

APONTAMENTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA REGIÃO TRANSNACIONAL *GAUCHA*¹

*NOTAS SOBRE LA CONSTRUCCIÓN DE LA REGIÓN
TRANSNACIONAL GAUCHA*

NOTES ON THE CONSTRUCTION OF THE *GAUCHA*
TRANSNATIONAL REGION

RAFAEL ZILIO

Professor do Departamento de Geografia
Doutorando em Geografia - Bolsista CNPq
Universidade Federal do Rio de Janeiro

rafael.zilio@yahoo.com.br

Resumo: O artigo centra a análise na relação entre região, identidade e política, mais especificamente no que estamos chamando de região transnacional *gaucha*, ao sul do continente americano. Debatemos a região no âmbito da “constelação geográfica de conceitos”, estabelecendo relações com outros conceitos, como território e lugar. Realizamos um resgate histórico da identidade sócio-espacial *gaucha*, elemento central da referida região transnacional, para depois discutirmos as vertentes desta identidade, identificando as lógicas zonal e reticular de articulação do espaço geográfico em cada vertente. Finalizamos com o aprofundamento das noções de categoria de análise e de categoria da prática, destacando sua indissociabilidade e aplicando-as à região transnacional *gaucha*.

Palavras-chave: região; identidade sócio-espacial; região transnacional *gaucha*.

Resumén: El artículo analiza la relación entre región, identidad y política, más específicamente en lo que estamos llamando de región transnacional *gaucha*, al sur del continente americano. Debatimos la región bajo la “constelación geográfica de conceptos”, estableciendo relaciones con otros conceptos como territorio y lugar. Realizamos una revisión histórica de la identidad socio-espacial *gaucha*, elemento central de la referida región, y luego discutimos las vertientes de esta identidad, identificando las lógicas zonal y reticular de articulación del espacio geográfico en cada vertiente. Terminamos con la profundización de las nociones de categoría de análisis y categoría de la práctica, destacando su inseparabilidad y aplicándolos a la región transnacional *gaucha*.

Palabras-clave: región; identidad socio-espacial; región transnacional *gaucha*.

¹ Este artigo é fruto de reflexões derivadas de minha tese de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFRJ, sob orientação do professor Marcelo Lopes de Souza.

Abstract: The article analyzes relations between region, identity and politics at the *gaucha* transnational region, south of the American continent. We discuss region under the “geographical constellation of concepts”, establishing relationships with other concepts such as territory and place. We conduct a historical review of the *gaucha* socio-spatial identity, central element of the transnational region, and then discuss dimensions of this identity, identifying the zonal and reticular logics of articulation of the geographic space in each dimension. We end with the deepening of the notions of category of analysis and category of practice, highlighting their inseparability and applying them to the *gaucha* transnational region.

Key-words: region; socio-spatial identity; *gaucha* transnational region.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva analisar a construção de uma região transnacional definida a partir do tipo antropológico do *gaúcho*, situada no sul do continente americano, tanto como um fato, uma evidência empírica, quanto como um artifício, um instrumento analítico. Não trabalhamos com a ideia de que em tal recorte espacial a identidade *gaúcha* seja a única ou mesmo a de maior relevância em qualquer abordagem que se realize, mas sim que é constituinte de uma identidade híbrida própria da contemporaneidade, possuindo grande importância para o entendimento da presente problemática. Seleccionamos, pois, um dos aspectos da realidade político-cultural do referencial empírico, a identidade sócio-espacial *gaúcha*, e faremos apontamentos sobre como uma região pode ser construída tanto intelectualmente, por um pesquisador (uma categoria de análise), como por seus habitantes (uma categoria da prática), apresentando diversas características em comum.

Na primeira parte do artigo, discutiremos o conceito de região no âmbito da “constelação geográfica de conceitos” (HAESBAERT, 2014), destacando as potencialidades de imbricação da região com o território e o lugar, trabalhando nas “fronteiras” dos conceitos. Posteriormente, para fins de operacionalização conceitual, oferecemos um resgate geo-histórico da identidade sócio-espacial *gaúcha* e de que maneira a região transnacional *gaúcha* foi se constituindo como “fato”. Após, apresentamos uma proposição, ainda em estágio inicial de desenvolvimento, de identificação de vertentes da supracitada identidade, enfocando nas espacialidades correspondentes a cada vertente, com o auxílio de modelos gráficos. Fechando o artigo, realizaremos uma leitura da região transnacional *gaúcha* como categoria de análise e como categoria da prática, apoiando-nos em Haesbaert (2010).

A REGIÃO NO ÂMBITO DA “CONSTELAÇÃO GEOGRÁFICA DE CONCEITOS”

Em Haesbaert (2014) encontramos uma proposta de pensar e organizar os conceitos geográficos de maneira que eles possam dialogar constantemente para nos auxiliar a compreender a realidade sócio-espacial e apresentarem fronteiras bastante fluídas, de modo a possibilitar a combinação de dois ou mais conceitos. Contudo, uma hierarquização entre

determinados conceitos faz-se necessária. Para isso, o referido autor propõe uma “constelação geográfica de conceitos” (Figura 1).

O espaço, ou melhor, o espaço-tempo, é o conceito mais geral mediante o qual orbitam os outros conceitos. O espaço-tempo é a categoria mestre, e o espaço geográfico é a dimensão espacial da sociedade, indissociável de sua relação com a natureza. O espaço geográfico se des-articula conforme três lógicas: zona, rede e/ou aglomerado. Conforme o enfoque que se dá às distintas dimensões espaciais, as relações sociedade-natureza podem ser lidas através do conceito de *ambiente*; as relações de poder, com o *território*; as relações simbólico-culturais do espaço vivido, pelo *lugar*; e as relações simbólico-culturais do espaço enquanto representação, através da *paisagem*.

FIGURA 1: constelação geográfica de conceitos.



Fonte: Haesbaert, 2014, p. 34.

Porém, anterior a tais enfoques, há um primeiro “círculo de translação” que diz respeito à grande problemática da diferenciação do espaço: a região. Note-se, portanto, a região em um nível diferente dos conceitos de ambiente, território, lugar e paisagem. Nesse contexto a região “pode ser considerada um conceito envolvido com as distintas i-lógicas de construção do espaço geográfico, seja aquelas de caráter predominantemente zonal ou em área (...), seja as de caráter predominantemente reticular” (HAESBAERT, 2014, p. 38-39). Região, pois, problematiza a diferenciação espacial de natureza (qualitativa) e grau (quantitativa), podendo seguir os princípios de relativa homogeneidade - com predomínio da lógica espacial zonal - e de coesão funcional e/ou simbólica - predomínio da lógica espacial reticular (*idem*,

p. 40). A região, ademais, e como outros conceitos geográficos, se dá como um ir e vir entre instrumento de análise e evidência empírica (categoria de análise e categoria da prática), sendo esta uma ideia fundamental para o presente texto.

Ao analisarmos a Figura 1 e tendo em mente a discussão até aqui apresentada, podemos estabelecer algumas relações úteis para a compreensão do que estamos denominando região transnacional *gaucha*. Se tal região define-se primordialmente pela ocorrência de uma identidade sócio-espacial (entendendo identidade no movimento, na transformação e na fluidez, e considerando a hibridização cultural comum na contemporaneidade), podemos trabalhar com uma ideia de região enfocada a partir do espaço vivido (identidade regional - lugar) e dos regionalismos como movimentos políticos - território (HAESBAERT, 2014, p. 39). Assim, no âmbito da “constelação geográfica de conceitos”, para analisar a referida região transnacional, é necessário recorrermos à fluida fronteira conceitual região-território-lugar, ou seja, *a região transnacional gaucha podendo ser lida, ao mesmo tempo, nas perspectivas política e de espaço vivido, considerando a problemática da diferenciação do espaço*. Nesse sentido, é necessário resgatar elementos histórico-geográficos que construíram esta região para então, posteriormente, a tomarmos como categoria de análise e como categoria da prática.

A IDENTIDADE SÓCIO-ESPACIAL GAUCHA

A identidade sócio-espacial *gaucha* tem suas origens em um período anterior à formação das atuais fronteiras estatais de Brasil, Argentina e Uruguai, em meados do século XVIII. Com o fim das reduções jesuíticas, o gado criado nestes espaços espalhou-se pelo bioma pampa e muitos mestiços que ali vagavam prestando serviços pelo campo (muitos destes serviços ilegais perante as leis da época) se apropriaram de grande parte da vacaria que, por sua vez, era reclamada pela coroa espanhola. Desde então, para estes indivíduos sem procedência definida, vistos com maus olhos pela metrópole colonizadora e pelos militares a serviço desta instituição, a denominação *gaucho* passou a ser utilizada. Tais mestiços tinham sua origem na mistura entre povos originários (charrua, guarani, minuano e pampa), africanos escravizados e europeus espanhóis e portugueses.

Com as guerras de fronteira e delimitação das fronteiras dos Estados brasileiro, argentino e uruguaio, o pampa passa a apresentar cercas e limites bem definidos pelo poder heterônimo na época: os campos de topografia levemente ondulada (as coxilhas), com a linha do horizonte sempre visível, são divididos em grandes propriedades rurais concedidas a militares e outros indivíduos de significativa influência na Coroa ou com altos cargos nesta. Essa substancial transformação no espaço pampiano leva a um embate que, ao longo da história, mostra-se fundamental para o entendimento das nuances da identidade sócio-espacial *gaucha*. O *gaucho*, pois, possui uma espécie de “conflito original”, através da luta de classes expressa na dualidade patrão-peão: o patrão estancieiro protegido pelas coroas portuguesa e espanhola; e o *gaucho* peão, que resistiu à submissão a patrões, à divisão do espaço em latifúndios, e era tido pelas elites da época como um ladrão. A transformação de um espaço tido como “terra sem leis” para uma organização espacial de latifúndios e definição de fronteiras

estatais corresponde à espacialidade de surgimento da identidade sócio-espacial *gaucha*, desde o início uma *identidade transnacional*. Tal passagem foi descrita e analisada em versos pelo poeta argentino José Hernández na obra poética que é, talvez, o maior clássico da literatura *gaucha*: *El gaucho Martín Fierro* (1872) e *La vuelta de Martín Fierro* (1879).

Passado aproximadamente um século, com as fronteiras estatais já delimitadas, a primeira metade do século XIX presencia, na parte brasileira da região transnacional *gaucha*, uma guerra civil que posteriormente ficaria conhecida como Revolução Farroupilha. Em linhas gerais, tratou-se de uma revolta de parte da elite agrária da chamada Campanha Gaúcha² contra os altos impostos do Império brasileiro sobre determinados produtos, sobretudo o charque, como mostra, entre tantos outros autores, Pesavento (1985). Durante aproximadamente 10 anos (1835-1845), a então província do Rio Grande do Sul, através da referida elite, tentou se separar do Império e criar um Estado independente. Contudo, apenas para os próprios “rebeldes” a província estava independente, uma vez que nem os Estados vizinhos (Argentina e Uruguai) tampouco o Estado brasileiro reconheceu oficialmente tal separação. Para Silva:

A revolução farroupilha foi um movimento conservador de uma elite disposta a ampliar sua autonomia em relação ao conservadorismo do Império. Nas questões sociais determinantes, como a escravidão, só aconteceram manobras estratégicas e utilitárias com o objetivo de atrair negros para as forças rebeldes [farroupilhas], mas sem uma real intenção dominante de pôr fim à mais ignominiosa de todas as formas de organização do trabalho (SILVA, 2010, p. 147).

Muitos são os indícios históricos – e os autores que abordam tal acontecimento – que demonstram o caráter conservador da revolução farroupilha, sendo algumas de suas principais características a manutenção constitucional do latifúndio (e da ordem sócio-espacial estabelecida), da estrutura de classes e do regime escravocrata, denotando a não-sintonia com os movimentos abolicionistas da época na maior parte da América Latina.

Findo o conflito com um acordo entre os farrapos e o Império brasileiro (para muitos historiadores uma derrota dos revoltosos da província gaúcha), algumas décadas se passaram até que um grupo formado por remanescentes da revolução e outros saudosos daquela década iniciassem a mitificação deste acontecimento, com o destaque para o caráter supostamente “progressista” da elite latifundiária e o estabelecimento de alicerces sólidos o bastante para a criação de um “mito fundador” de uma identidade gaúcha. No entanto, constata-se uma diferenciação neste episódio em relação à identidade sócio-espacial: a inserção de um imaginário elitista, proveniente do patronato, do latifundiário, no conjunto de significações da identidade *gaucha*. Tal apropriação seria posteriormente chamada de *tradicionalismo*.

No conflito de classes expresso na dualidade patrão-peão, a Revolução Farroupilha (ou melhor, o discurso sobre este acontecimento) tornou-se marco da apropriação conservadora da cultura *gaucha* na parte brasileira do referencial empírico, reflexo da atuação do patrão na utilização de determinados símbolos desta identidade. Conforme destaca Silva (2010, p.

² Denominação referente à parte brasileira do bioma Pampa, comumente utilizada quando do trato de questões socioculturais.

14), a Revolução Farroupilha é “o acontecimento mais reconstruído e mitificado da história brasileira, a ponto de história e mito acharem-se atualmente quase inteiramente confundidos, com ampla vantagem para a idealização”.

Por sua vez, na Argentina e no Uruguai, o *gaucho* tornou-se a figura folclórica nacional sem sofrer transformações significativas desde sua origem, além de ter se tornado um tipo antropológico bem recebido tanto no campo quanto nas grandes cidades, como mostram Archetti (2003) e Heugerot (2007). O estigma do *gaucho* ladrão, fora-da-lei, foi minimizado ou mesmo desapareceu dos imaginários argentino e uruguaio.

Ao longo do século XX, como demonstram, entre outros, Gutfreind (1992), Jacks (1999) e Silva (2010), a apropriação conservadora da identidade sócio-espacial *gaúcha* no estado do Rio Grande do Sul desenvolveu-se com a expansão do tradicionalismo e do culto aos supostamente heróicos feitos dos farrapos durante a supracitada revolta do século XIX. Isto foi alimentado, entre outros fatores, pelos nacionalismos e pela tomada das fronteiras nacionais como separadoras de povos tidos como diferentes. A negação da platinidade do *gaucho* brasileiro tomou força com historiadores da primeira metade do século XX, conforme discutido em Gutfreind (1992) e Gutfreind e Reichel (1995, 1996a e 1996b), na tentativa de criação de um tipo gaúcho claramente diferenciado dos *gauchos* argentinos e uruguaio. No Rio Grande do Sul, essa onda tradicionalista desenvolve-se, sobretudo, com um grupo de jovens estudantes oriundos do colégio Julio de Castilhos (Porto Alegre) que, ao terem concluído a escola básica, percorreram boa parte do interior do estado inventariando hábitos, músicas, danças, vestimentas etc. Disto, produziu-se significativo material até então muito pouco conhecido na capital estadual, conhecimento este que, chegado ao referido centro urbano, difunde-se para distantes paragens e, também, volta para o interior do estado ligeiramente transformado (LESSA, 1985).

Contudo, o conjunto de símbolos referentes à identidade sócio-espacial que chegou a Porto Alegre naquela época foi, primordialmente, aquele oriundo do processo de apropriação conservadora na esteira da transposição da identidade da Campanha para todo o estado do Rio Grande do Sul, conforme abordado por Costa:

(...) a transposição da identidade gaúcha do espaço tradicional da Campanha para o território do Rio Grande do Sul como um todo parece ser, mais que “um curioso fenômeno de mutação histórica”, um processo de reapropriação ideológica que consegue moldar, hoje, as bases de um novo espaço regional no extremo-sul brasileiro (COSTA, 1988, p. 78).

Algumas das características passíveis de destaque aqui são a naturalização da subordinação do peão ao patrão, o respeito à propriedade privada rural e a estrutura de poder típica da organização espacial latifundiária, e uma concepção estática/imutável de identidade e cultura. Nesse sentido, a criação dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) e a união destes em torno da organização Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) são emblemáticas, uma vez que reúnem e institucionalizam as supracitadas características. Assim, Canclini versa a respeito dos tradicionalismos da seguinte maneira:

Um dos traços distintivos da cultura tradicionalista é ‘naturalizar’ a barreira entre incluídos e excluídos. Desconhece a arbitrariedade de diferenciar esse território daquele, determinar esse repertório de saberes para ensiná-lo na escola ou essa coleção de bens para exibir em um museu, e legitima solenemente, mediante uma ritualização indiscutível, a separação entre os que têm acesso e os que não conseguem. O ritual sanciona então, no mundo simbólico, as distinções estabelecidas pela desigualdade social. Todo ato de instituir simula, através da encenação cultural, que uma organização social arbitrária é assim e não pode ser de outra maneira (CANCLINI, 2003, p. 193).

Logo, a legitimação do discurso do patrão, com a naturalização da estrutura espacial e de poder do latifúndio, pretende ser tomada como única, como a “verdadeira”, pelo MTG e pelos CTGs.

A partir do final dos anos 1980, com o fim dos regimes ditatoriais na Argentina, no Brasil e no Uruguai, a fronteira enquanto limitante, altamente securitizada e fator de separação, passa a ser vista como símbolo de integração econômica entre os Estados em questão. A circulação de mercadorias e, também, de pessoas, ganha fôlego e as relações fronteiriças desenvolvem-se significativamente, onde as cidades de Buenos Aires, Montevideu e Porto Alegre têm papel de destaque na difusão das ideias que se transnacionalizam. A partir de meados da década de 1990 e, principalmente, de 2000, tece-se uma rede de artistas e intelectuais que se debruçam sobre as aproximações, similitudes e identidade(s) que unem Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul. Suas características são, entre outras, a reflexão sobre a região *gaucha* e a produção cultural em torno desta temática, não se atendo a apenas um resgate histórico dos elementos formadores da identidade sócio-espacial (o que caracterizaria um tratamento “museológico”), mas sim estabelecendo alicerces para uma produção cultural e de ideias *a partir* de tal resgate, conforme estudo de Panitz (2010). Duas das expressões cunhadas na esteira desse processo foram a *Estética do Frio*, pelo escritor e músico brasileiro Vitor Ramil (2004), e o *Templadismo*, pelos músicos uruguaios Jorge Drexler e Daniel Drexler. Ambas possuem diferenças mínimas, convergindo pelo fato de serem propostas musicais geografizantes, sendo que a paisagem do pampa tem papel fundamental juntamente com a *milonga* enquanto ritmo musical colado a essa paisagem, considerando a paisagem e o clima, a diversidade étnica e cultural das populações platinas e o papel das fronteiras, tomando o espaço geográfico enquanto núcleo central das representações sociais (PANITZ, 2010, p. 106). A *Estética do Frio* e o *Templadismo* se constituem, pois, como leituras contemporâneas da identidade sócio-espacial *gaucha* a partir de grandes centros urbanos difusores de cultura e informação. Muito além da concepção estatal de integração da região através do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), tais artistas trabalham com uma convergência identitária do sul da América do Sul, transfronteirizando suas ideias e sua produção. Temos em curso, portanto, a construção de uma leitura revigorada da identidade sócio-espacial na região transnacional *gaucha*, densa de geograficidade e expondo o problema da divisão do espaço em Estados. Disso, depreende-se (re)emergência da tomada de consciência de uma “*regionofilia*” *gaucha* na contemporaneidade.

³Recordando a contribuição de Tuan (...), em Frémont, a região estaria vinculada a sentimentos 'topofílicos' - o que equivale a dizer, desdobrando e especificando a ideia de 'topofilia', que a uma região, na qualidade de espaço vivido, se associaria uma 'regionofilia'”

VERTENTES DA IDENTIDADE SÓCIO-ESPACIAL *GAUCHA* E ESPACIALIDADES CORRESPONDENTES

Para uma melhor compreensão da complexidade que envolve a identidade sócio-espacial *gaucha* (e tantas outras identidades), primeiramente admite-se que ela não forma uma região homogênea, mas sim é um dentre tantos outros elementos identitários que formam a hibridez cultural do referencial empírico adotado. Logo, trata-se, obviamente, de um recorte da realidade, onde o universo valorativo *gaucho* torna-se importante dependendo do escopo da análise. Os diferentes grupos sociais apropriam-se dos elementos identitários conforme seus interesses e, ao longo dos séculos, isto se deu de modo significativamente diferente, a ponto de ser possível identificar vertentes dentro da referida identidade.

A partir da discussão exposta na seção anterior, distinguimos, ainda que no contexto de um debate inicial, três vertentes da identidade sócio-espacial *gaucha* com suas respectivas espacialidades: uma *vertente gaucha clássica*, originada no pampa sem Estados e latifúndios; uma *vertente farrapa*, que sobrevaloriza as fronteiras estatais e o latifúndio, presente apenas na parte brasileira do referencial empírico e fruto da apropriação conservadora da identidade; e uma *vertente neogaucha*, que investe no resgate da figura do *gaucho* original mas, sem ser passadista, constrói um discurso de “regionofilia” a partir do espaço urbano e tenta estabelecer um diálogo com outras identidades, procurando não cair em um regionalismo.

A *vertente gaucha clássica* se origina da miscigenação de povos originários, europeus e africanos. A literatura histórica comumente associa esta origem ao século XVII, remetendo-se ao já mencionado errante no Pampa sem cercas nem fronteiras estatais. A espacialidade desta vertente (Figura 2) consiste em um espaço “aberto”, sendo que as territorialidades imperiais ibéricas não sobrepujavam ou oprimiam a territorialidade *gaucha* a ponto de esta última desaparecer, apenas operava uma estigmatização territorial ao colocar os *gauchos* à margem das leis dos impérios. Provavelmente devido a tal marginalidade, quaisquer registros sobre feitos de indivíduos ou grupos *gauchos* foram apagados da historiografia oficial. Contudo, e conforme já mencionamos, podemos encontrar valiosas referências aos valores, costumes, hábitos etc., enfim, à identidade *gaucha*, na literatura, sendo Martín Fierro (HERNÁNDEZ, 1872 e 1879) e Capitão Rodrigo (VERÍSSIMO, 1949, 1951 e 1959) personagens-símbolo da *vertente gaucha clássica*.

(SOUZA, 2013, p. 142).

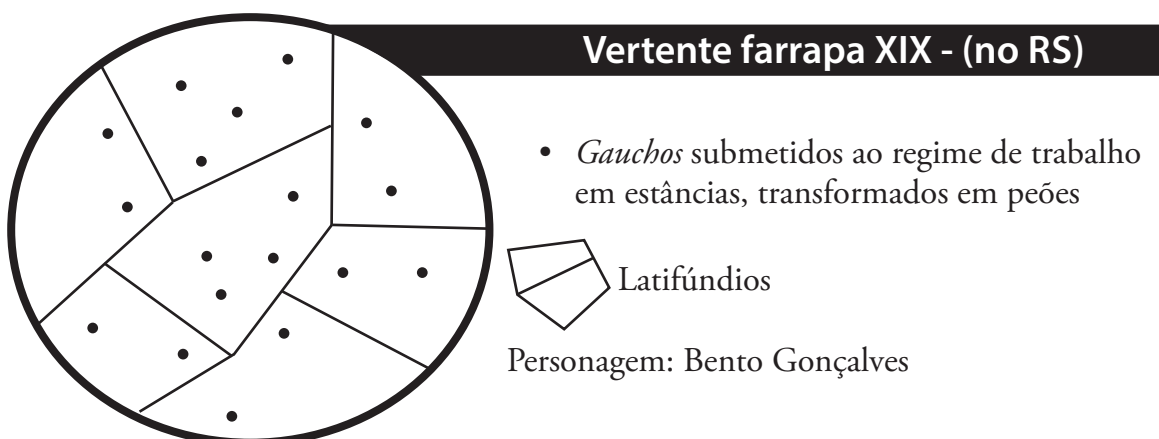
FIGURA 2: esquema gráfico da vertente *gaucha* clássica da identidade sócio-espaçial *gaucha*.



Elaboração do autor.

A vertente farrapa, que tem como “mito fundador” a Revolução Farroupilha (século XIX), ocorre, como já explicitado, apenas na parte brasileira da região transnacional *gaucha*. Trata-se de uma apropriação conservadora de elementos da identidade sócio-espaçial *gaucha*, como a legitimação ou naturalização da heteronomia instituída na relação patrão-peão, discurso separatista (ainda que nem sempre em direção a uma aliança com Argentina ou Uruguai), e a visão estática, imutável, de cultura (os contemporâneos devem pagar tributo de alguma maneira a supostos heróis do passado). A espacialidade da vertente farrapa (Figura 3) se funda no pampa dividido em latifúndios e com o estancieiro/patrão submetendo os *gauchos* a um regime de trabalho subserviente (oposto às atividades dos *gauchos* “clássicos”). Como personagem símbolo optamos por fazer menção à Bento Gonçalves por ter sido não somente o líder da Revolução Farroupilha como também a figura mais reverenciada pelos cultuadores desta vertente.

Figura 3: esquema gráfico da vertente farrapa da identidade sócio-espaçial *gaucha*.

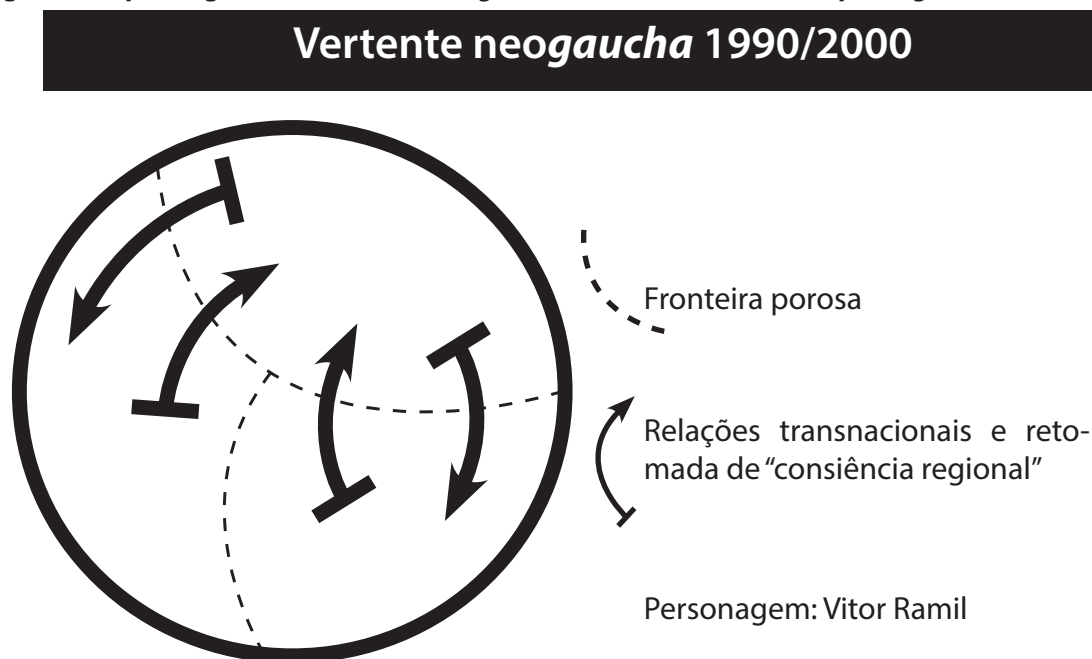


Elaboração do autor.

Cabe ressaltar a importância crescente das fronteiras estatais no recorte espacial e sua relação com a região: pela primeira vez a região se torna transnacional, pois tem-se fronteiras definidas e uma vertente da identidade que define a regionalidade em apenas uma parcela do espaço regional.

Por último, o que estamos chamando de vertente *neogaucha* diz respeito a uma retomada de consciência regional propiciada pelo fim dos regimes ditatoriais nos três países e a aceleração de determinados processos via MERCOSUL, conforme já explicitado. A rede de artistas e intelectuais abordada, entre outros, por Coelho (2013) e Panitz (2010), demonstra um esforço de (re)aproximação intrarregional baseando-se da apropriação de elementos culturais os mais diversos (principalmente em letras e ritmos musicais) para dialogar com o mundo a partir do espaço urbano. A espacialidade da vertente *neogaucha* (Figura 4), portanto, se dá primordialmente na passagem do lócus de construção discursiva: do rural para o urbano. Ademais, com essa retomada de consciência regional, as fronteiras estatais tornam-se porosas e os vetores de troca se intensificam.

Figura 4: esquema gráfico da vertente *neogaucha* da identidade sócio-espacial *gaucha*.



Elaboração do autor.

Essa retomada faz uso de elementos do universo valorativo *gaucho* semelhantes àqueles mobilizados pela vertente *farrapa*, porém apresentando um cunho diferente. A (re)construção da região como categoria da prática no âmbito das vertentes *farrapa* e *neogaucha* demonstra que a diferenciação espacial está longe de ser sinônimo de regionalismo ou parochialismo, como observa Haesbaert:

A própria “região”, enquanto lócus da produção da diferença, e não simplesmente no sentido do ‘regionalismo reacionário’, também pode, dependendo do emaranhado de poder em que estiver enredada, estimular a constante re-produção do novo – ou seja, ela nem sempre é produzida apenas pelo ‘regionalismo anacrônico e reacionário’ hegemônico, o que pode ser constatado ao reconhecermos a própria natureza, sempre ambivalente, de sua (re)criação simbólica (HAESBAERT, 2010, p. 72).

Elegemos como personagem desta vertente um músico e escritor de grande destaque nesse processo: Vitor Ramil, de Pelotas. Foi o primeiro a colocar suas reflexões no papel e também nas letras de suas canções, tendo se proposto a buscar uma Estética do Frio (RAMIL, 2004) para melhor compreender a identidade (sócio-espacial) à margem de um “mundo” (Brasil) mas no centro de outro “mundo” (o que estamos chamando de região transnacional *gaucha*).

A rede adquire fundamental importância para a compreensão da vertente neogaucha. A construção da região nesse contexto se dá a partir de importantes cidades da rede urbana da região transnacional gaucha (Buenos Aires, Montevideu, Porto Alegre e Pelotas), demonstrando que “articulações regionais do espaço podem manifestar-se não apenas na tradicional forma zonal, geralmente contínua, mas também em redes, inseridas numa lógica descontínua de articulação reticular” (HAESBAERT, 2010, p. 121). O mesmo autor nos lembra que é fundamental em qualquer estudo geográfico levar em conta a relação entre lógica de dominância zonal e lógica de dominância reticular na construção do espaço, sendo a rede uma constituinte indissociável da zona ou área, pois sem rede não há controle ou apropriação de uma área (HAESBAERT, 2014, p. 39). Assim, consideramos que nas vertentes *gaucha* clássica e farrapa, há uma dominância da lógica zonal na construção do espaço regional, enquanto na vertente neogaucha há dominância da lógica reticular.

REGIÃO TRANSNACIONAL GAUCHA: CATEGORIA DE ANÁLISE E CATEGORIA DA PRÁTICA

Iniciemos a presente seção destacando algumas regionalizações que abarcam mais ou menos o mesmo espaço, porém com intuitos diferentes, para exemplificarmos a região como categoria de análise ou como categoria da prática.

A primeira regionalização que comumente vem à tona ao pensarmos o referencial empírico é o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), resultante do interesse econômico dos Estados argentino, brasileiro, uruguaio e paraguaio, implantado a partir de 1992. Conforme já destacado, o MERCOSUL possibilitou acordos multilaterais para a maior circulação de mercadorias e pessoas e, na esteira de sua concretização, eventos promovidos pelos Estados nas zonas de fronteira contribuíram para facilitar a circulação de ideias, como encontros para se discutir a produção cultural musical e literária nos países membros e formas de troca e integração nesse sentido (GUTFREIND e REICHEL, 1996b).

Há ideias importantes de regionalizações que remontam pelo menos ao século XIX. Uma das ideias de construção de região que embalaram os farrapos em meados dos 1800 foi uma confederação entre Rio Grande do Sul, Uruguai, e as províncias argentinas de Corrientes e Entre Ríos, proposta pelo líder da Revolução Farroupilha, Bento Gonçalves (SILVA, 2010, p. 72). Já no século XX e mesmo ainda no século XXI existem reverberações do sentimento separatista dos farrapos, ainda que não exatamente com a mesma regionalização de Bento Gonçalves.

Outras regionalizações contemporâneas, mas com fortes raízes na história, são aquelas realizadas a partir do rio da Prata. Região Platina (SCHEIDT, 2006), Espaço Platino ou Prata (PANITZ, 2010) são exemplos de que os elementos identitários dos chamados países do Prata (Argentina e Uruguai) cruzam a fronteira e chegam ao Brasil, mais especificamente ao Rio Grande do Sul, com destaque para a centralidade de importantes cidades na rede urbana regional: Buenos Aires, Montevideu e Porto Alegre. As supracitadas expressões Estética do Frio e *Templadismo*, bem como a vertente neogaucha da identidade sócio-espacial, se valem desta regionalização a partir do rio que separa Argentina de Uruguai.

As regionalizações demonstram que os conceitos, e mais especificamente o conceito de região, pode se apresentar como: um constructo intelectual de um pesquisador ou de um burocrata ou técnico de Estado com o intuito de melhor compreender o espaço geográfico ou nele intervir - caso do MERCOSUL; e um dado empírico, verificável na realidade, geralmente oriundo dos habitantes ou de determinados grupos da região, como se dá com a regionalização de Bento Gonçalves ou com o espaço regional cantado pelos músicos da Estética do Frio e do *Templadismo*, ainda que a expressão “espaço platino” seja uma construção intelectual de um pesquisador para o entendimento do fenômeno.

No âmbito dos estudos regionais, Haesbaert (2010: 119) propõe analisar a região considerando sua dupla filiação: o campo material das coesões funcionais, produzidas por sujeitos hegemônicos, com ação de longo alcance, como o Estado e as grandes corporações; e o campo ideal das coesões simbólicas, produzidas num jogo de tendências mais complexas, com participação dos grupos subalternos, em suas formas de articulação entre si e com os poderes instituídos. A partir do primeiro campo podemos identificar o Estado na forma dos Impérios português e espanhol, no período colonial, atuando na definição de fronteiras estatais e entregando grandes extensões de terra a influentes líderes militares e amigos da Coroa, fatos fundamentais para o entendimento dos desdobramentos da identidade sócio-espacial gaucha. Já a partir do segundo campo, uma disputa simbólica entre elites regionais e grupos subalternizados se explicita a partir da submissão do *gaucho* ao estancieiro, e se estende no conflito de classes patrão-peão, ainda que com variadas nuances, até os dias atuais, quando determinados grupos tentam desmitificar os discursos tradicionalistas sobre a região e a identidade *gauchas*, principalmente no Rio Grande do Sul.

Ao nos referirmos à região como categoria da prática ou como fato, temos em mente uma evidência “real” e passível de ser objetivamente reconhecida, tratando-se de um processo vivido e construído pelos sujeitos sociais. Já a região como categoria de análise ou como

artifício diz respeito a um instrumento, meio ou constructo moldado pelo intelectual ou pesquisador (HAESBAERT, 2010, p. 92-93). Além disso, Haesbaert (2010 e 2014, p. 42) propõe um tratamento da região enquanto *artefato*, ou seja, um artifício de intervenção na realidade, moldado não exatamente para o entendimento do que é a região, mas para projetar o que ela deveria ser.

Pensando em se afastar de uma visão binária ou mesmo dicotômica, o autor debate a região não como um simples recorte empírico, uma “categoria do real”, nem uma simples forma de interpretação, mera “categoria de análise”, acrescentando que todo método, enquanto “mediação” ou “meio-ação”, é uma forma de interpretar e de criar - fato e interpretação não devem ser dissociados (HAESBAERT, 2010, p. 115-116). Nesse sentido, têm-se três questões fundamentais a respeito da região e de uma indissociabilidade entre as duas categorias: região como produto-produtora da diferenciação espacial; região como produto-produtora da globalização e fragmentação; região construída pela atuação de diferentes sujeitos sociais em suas lógicas zonal e reticular.

O que estamos chamando de região transnacional *gaucha* apresenta a ideia de transposição das fronteiras estatais através do termo *transnacional* e os elementos que compõem a identidade sócio-espacial *gaucha* como características principais desta regionalização. Tal região remete apenas grosso modo a Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul, uma vez que a patagônia argentina e a região colonial gaúcha contribuem apenas epidermicamente com o desenvolvimento da identidade *gaucha*. Apesar de em um primeiro momento ser definida como um instrumento de análise, a região transnacional gaucha vêm da experiência de vida do autor das presentes linhas. Os fatos de eu ser natural de Uruguaiana, cidade do Rio Grande do Sul situada na fronteira com a Argentina e com uma distância relativamente pequena para o Uruguai, ter vivido 17 anos lá e 5 anos em Porto Alegre, e atualmente residir no Rio de Janeiro, contribuem sem dúvida para a construção intelectual em questão. O que eu entendo por região *gaucha* como evidência empírica é parte fundamental do instrumento analítico em desenvolvimento. Exemplo disso são reflexões a respeito do próprio conceito de *fronteira* sofrendo um abalo em sua acepção estadocêntrica. A diferenciação entre fronteiras estatais e não-estatais, ou “outras fronteiras”, se insere na construção da região transnacional *gaucha*.

Por fim, destaque-se que nosso instrumento analítico não se limita a uma simples “área de ocorrência de uma identidade”, mas sim trata-se de uma região onde se dá a mobilização de elementos do universo valorativo *gaucho* por grupos de diferentes matizes políticas. Logo, a dimensão política é privilegiada na construção dessa diferenciação espacial.

BIBLIOGRAFIA

- ARCHETTI, E. O “gaúcho”, o tango, primitivismo e poder na formação da identidade nacional argentina. *Mana*. n.º 1. Vol. 9. Rio de Janeiro: PPGAS-Museu Nacional UFRJ, 2003. P. 9-29.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003 (1989).
- COELHO, L. *A linha fria do horizonte*. Vídeo - Documentário. 2013.
- COSTA, R. H. RS: Latifúndio e identidade regional. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- GUTFREIND, I. *A historiografia rio-grandense*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.
- GUTFREIND, I. e REICHEL, H. J. *Fronteiras e guerras no Prata*. São Paulo: Atual, 1995.
- _____. *América platina e historiografia: história agrária, imigração e etnia, história política e mentalidades*. São Leopoldo: PPGH, 1996a.
- _____. *As raízes históricas do Mercosul: a região platina colonial*. São Leopoldo: UNISINOS, 1996b.
- HAESBAERT, R. *Regional-global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- HERNÁNDEZ, José. *El gaucho Martín Fierro*. Buenos Aires: Imprenta de La Pampa, 1872.
- _____. *La vuelta de Martín Fierro*. Buenos Aires: Librería del Plata, 1879.
- HEUGEROT, C. Uruguay: identidad y nación en construcción. In: *Estudios Ibero-Americanos*. n.º 2. Porto Alegre: PUCRS, 2007. P. 76-89.
- JACKS, N. *Querência: cultura regional como mediação simbólica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.
- LESSA, L. C. B. *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- PANITZ, L. M. *Por uma Geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Geografia. 2010. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- PESAVENTO, S. J. *A Revolução Farroupilha*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RAMIL, V. *A estética do frio*. Porto Alegre: Satolep, 2004.
- SCHAEFER, F. O excepcionalismo em Geografia: um estudo metodológico. *Boletim de Geografia Teórica*. nº13, vol. 7. Rio Claro: Ageteo, 1977 (1953).

SCHEIDT, E. Debates historiográficos acerca de representações de nação na Região Platina. *Revista eletrônica da Anphlac*. n.º 5. 2006. P. 1-26.

SOUZA, M.L. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVA, J.M. *História regional da infâmia: a história dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou: como se produzem os imaginários)*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento*. O continente (2 vols.). Porto Alegre: Globo, 1949.

_____. *O tempo e o vento*. O retrato (2 vols.). Porto Alegre: Globo, 1951.

_____. *O tempo e o vento*. O arquipélago (3 vols.). Porto Alegre: Globo, 1961.